

É Básico Investir no Futuro

PROJECTO DE ACÇÃO-FORMAÇÃO

**O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO
BÁSICO**

Lisboa, Março 2007



€ Básico Investir no Futuro

PROJECTO DE ACÇÃO-FORMAÇÃO

**O EMPREENDEDORISMO NO ENSINO
BÁSICO**

Responsáveis pelo projecto:

Ana Mafalda Melo e Silva de Almeida Ribeiro

Ana Paula Pinto de Vasconcelos

Sérgio Tiago Félix

Contactos:

968912609

936501487

913382754

E-mail: investir.futuro@gmail.com

Janeiro 2007



“Aprender é uma descoberta criadora, com abertura ao risco e à aventura do ser, pois ensinando se aprende e aprendendo se ensina.”

Serpa e Serpa (1997)

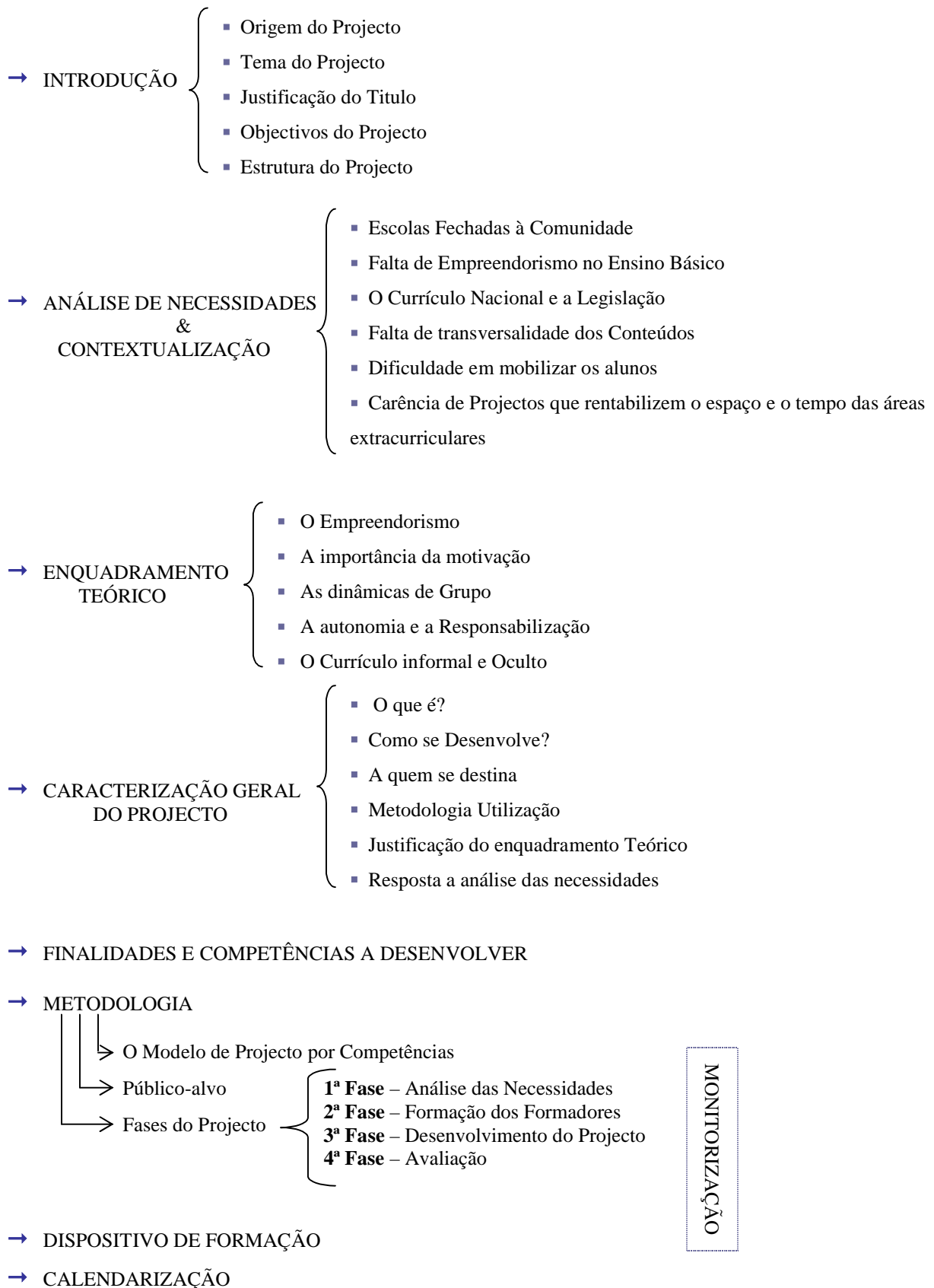


Índice

| | |
|--|-----------|
| Esquema Temático | 5 |
| 1. Introdução | 6 |
| 2. Análise de Necessidades & Contextualização | 9 |
| 3. Enquadramento Teórico | 17 |
| 3.1. O conceito de empreendedorismo e o seu papel na Educação | 17 |
| 3.2. O currículo, o currículo oculto e o currículo informal | 19 |
| 3.3. As dinâmicas de grupo como meio para uma aprendizagem eficaz..... | 20 |
| 3.4. A motivação, a autonomia e a responsabilização dos alunos | 22 |
| 4. Caracterização Geral do Projecto..... | 24 |
| 5. Finalidades & Competências | 26 |
| 6. Metodologia..... | 27 |
| O modelo de Projecto por Competências | 27 |
| Público-alvo..... | 28 |
| Fases do Projecto | 28 |
| 7. Dispositivos..... | 39 |
| 7.1. Esquema do dispositivo de formação | 39 |
| 7.2. Dispositivo de monitorização | 41 |
| 8. Calendarização | 43 |
| Bibliografia..... | 47 |
| Legislação e documentação consultada:..... | 49 |
| Anexo | 50 |



Esquema Temático





1. Introdução

Portugal, ao longo do tempo, sempre se mostrou avesso à palavra mudança e muito reticente em avançar com projectos inovadores, projectos esses que trariam uma “lufada de ar fresco” ao actual sistema de ensino e por conseguinte a toda uma sociedade pois *o que se faz agora com as crianças é o que elas farão depois com a Sociedade* (Karl Mannheim, s/ data). Desta forma a escola tem tido algumas dificuldades em acompanhar a evolução social e profissional, o que faz com os que os conteúdos que leccione se mostrem muitas vezes desfasados da realidade.

“Quando dei aulas, fiquei espantado com professores que passam de uma universidade para a outra a dar a mesma matéria, como se fosse enlatado, o que é mau. Isso não dá criatividade e empreendedorismo. Quando a aula é passada a debitar matéria de um livro ou de um artigo de jornal, e não se questiona os alunos ou se ensina coisas diferentes, se os professores não são criativos, os alunos não o vão ser. Não há dialéctica, criação de inquietação.”

(Belmiro de Azevedo ,2001).

Com este testemunho podemos verificar que é muito importante sensibilizar os públicos escolares para novas práticas, onde a inovação e a criatividade sejam palavras de ordem. É possível desde tenra idade motivar os jovens para a importância de serem empreendedores, de conseguirem criar novas dinâmicas para criarem algo de novo, que possa ser reconhecido pela sua novidade e interesse.

É necessário formar os jovens de modo a que estes adquiram competências que os preparem para as mudanças sociais e desenvolvam um gosto pelo risco e pela inovação, mas os currículos nacionais ainda estão longe de o atingir, isto é, longe de apostar em novos produtos e conhecimentos e que lhes permitam marcar a diferença.



Este projecto pretende então, fomentar, junto de jovens alunos, algumas práticas que lhes permitam no futuro, compreender melhor o mercado, e torná-los mais pró-activos e interventivos enquanto cidadãos.

Educar para o Empreendedorismo, criar uma cultura de inovação é a finalidade que se pretende atingir com este projecto. Assim, desejamos, implementar na escola um projecto mobilizador, que junte alunos, professores e toda a comunidade, em torno de uma realização que traga uma mais-valia para todos.

Este projecto visa essencialmente, promover o empreendedorismo no sistema educativo, para que os alunos desde muito cedo mantenham uma ligação com o mercado de trabalho. O Ministério da Educação com o projecto E – Empreender, atribui uma importância significativa a esta temática. A nossa intenção é dar mais um contributo nesta área com públicos mais novos, que ainda não foram incluídos em nenhum dos projectos existentes. Pretendemos fomentar um empreendedorismo positivo, baseado na entajuda e no trabalho colaborativo.

Este projecto tem como **Objectivos**:

- Desenvolver nos jovens alunos características empreendedoras, ainda que utilizando uma abordagem informal e pouco comprometida com os conceitos técnicos.
- Promover o contacto dos alunos com uma nova experiência que os faça trabalhar em *prol* de um objectivo por eles proposto.
- Estimular a responsabilidade, a autonomia, a criatividade e o espírito inovador nos jovens alunos.
- Impulsionar novas iniciativas que os façam progredir, enquanto alunos.
- Fomentar um espírito inovador nos alunos, que faça com estes se tornem mais pró-activos.
- Sensibilizar os alunos para a importância de novas ideias.

Desta forma, podemos considerar este programa como tendo um carácter extracurricular, mas transcurricular, isto porque, irá proporcionar o ‘cruzamento’ de conhecimentos das diversas disciplinas curriculares, ou seja, insere-se num currículo não-formal; extracurricular mas transversal.



Com este projecto prevê-se que os alunos assumam um papel preponderante no seu desenvolvimento, sendo eles próprios os decisores e executores, para que se sintam parte integrante e fundamental do projecto e assim, motivados e interessados em atingir o objectivo, a que eles próprios se propuseram.

Embora os objectivos deste programa se relacionem directamente com a implementação de um espírito empreendedor e dinâmico nos jovens, a abordagem será feita de um modo simples e prático, adequado às diferentes idades, características e necessidades dos públicos-alvo pois não se pretende que os alunos adquiram competências técnicas e teóricas no âmbito da economia, gestão e marketing que lhes possibilitem no futuro criarem empresas ou negócios. O que se visa essencialmente, é que em contexto de turma, os alunos adquiram dinâmicas de trabalho de grupo que lhes possibilitem atingir um determinado objectivo comum, adquirindo assim diferentes competências como capacidade de iniciativa, tomada de decisão e resolução de problemas.

Esta intervenção pretende sensibilizar e motivar os jovens alunos para a importância de criarem algo único e inovador, concebendo algo que os faça progredir enquanto grupo e que lhes possibilite alcançar um determinado objectivo, que é decidido pelo grupo-turma de uma forma unânime e democrática.

O título do projecto “**É Básico Investir no Futuro**”, remete para a importância que têm as novas gerações para o futuro do País e a palavra “Básico” é referente ao público-alvo que pretendemos atingir e também pode ser vista, como essencial, prioritário, fundamental, indispensável formar os nossos jovens para que eles possam assumir papéis activos na sociedade. Assim este título, deriva da grande finalidade do projecto, que é investir na formação dos jovens estudantes portugueses. Investir na sua formação, para que possam ser cidadãos melhor preparados, para intervir numa sociedade cada vez mais competitiva, onde as ideias inovadoras adquirem grande importância. Para além disto, este título está também associado, à ideia mais prática e directa deste projecto, em que os alunos terão de fazer um investimento, através do qual pretendem adquirir algo futuramente.

Este documento pretende ser um guia do projecto que se pretende implementar, embora não tenha sido concebido, para responder às necessidades de um público específico, pelo que, para ser implementado terá que se fazer primeiro, esse estudo e essa adequação. É um documento generalista, onde estão descritas as directivas de



acção, mas aquando a aplicação do projecto, será necessário encetar algumas negociações, de modo a acertar alguns aspectos que neste momento são imprevisíveis; como por exemplo, o tempo lectivo destinado ao projecto, o local, o docente responsável pelo acompanhamento do projecto, entre outros e como um modelo aberto que é, terá sempre de ser reconstruído através da partilha de todos os intervenientes, pois só assim estas directrizes de projecto assumirão um verdadeiro carácter de Projecto em que todos o sentem como seu e se identificam com ele.

Neste documento, segue-se à **Introdução**, a **Análise de necessidades e contextualização da situação**, onde se verificam as necessidades e se estuda o contexto onde se pretende que este projecto se insira, ou seja, referem-se e analisam-se os motivos que viabilizam este projecto.

Na parte **3 - Enquadramento Teórico** definem-se alguns conceitos e temáticas importantes para o desenvolvimento do projecto, tais como: Empreendedorismo; Dinâmicas de grupo; Motivação, autonomia e responsabilização dos alunos e Currículo oculto e informal.

Em quatro lugar – **Caracterização Geral do Projecto** – é onde se apresenta o projecto propriamente dito: em que consiste e a quem se destina, à luz das necessidades identificadas e da teoria, abordadas.

Em seguida, apresentam-se as **Finalidades e competências a desenvolver** nos alunos, com a implementação deste projecto. Segue-se a apresentação da **Metodologia** utilizada neste projecto e dos **Dispositivos**: de formação dos professores e de monitorização. A terminar este trabalho, apresenta-se a **Calendarização do projecto** e a **Bibliografia** utilizada e consultada para a realização do mesmo.

2. Análise de Necessidades & Contextualização

Todos os projectos e intervenções que se destinam à Educação e que visam integrar um nível de ensino, devem ter presente a **legislação vigente** e preconizar os objectivos e princípios que nela são definidos. Como tal, importa perceber o que vem definido na legislação do ensino básico, para perceber em quais as características que os projectos destinados a este âmbito devem possuir e para contextualizar a situação.



Na *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico* (1998) vêm definidos os objectivos gerais do ensino básico.

“O ensino básico consubstancia-se, de facto, no quadro de uma formação universal, porque abrangente de todos os indivíduos, alargada, por se ter estendido a nove anos de escolaridade, e homogénea (...) Como tal, o ensino básico constitui-se como uma etapa da escolaridade em que se concretiza, de forma mais ampla, o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente, para aprofundar a democratização da sociedade, numa perspectiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos (...) quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade.”

Esta é uma etapa do ensino muito importante, em primeiro lugar porque é obrigatória e todos os indivíduos portugueses deverão fazer nove anos de escolaridade e por outro lado, porque alguns dos alunos não continuam a sua escolaridade depois destes nove anos e esta é muitas vezes, a única formação de que dispõem. Como tal e uma vez que a escola deve preparar os alunos para a vida em sociedade e em última instância para a vida profissional, é necessário que a escolaridade de que dispõem os prepare de modo eficaz e os apetreche de todas as competências e conhecimentos necessários.

Assim sendo, temos que ter também presentes, os princípios patentes na Lei de Bases do Sistema Educativo que visa a aquisição das competências previstas no Currículo Nacional do Ensino Básico. Assim sendo, este projecto baseia-se nos seguintes objectivos, previstos no artigo n.º 7 da *Lei de Bases do Sistema Educativo*:

- *“Assegurar uma formação geral (...) que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio (...) espírito crítico, criatividade (...) promovendo a realização individual (...);”*

- *“(...) proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo (...);”*

- *“(...) proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis”*. (Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro).



Os projectos a realizar no ensino básico, deverão então ter em conta os interesses e aptidões dos alunos e promover a sua realização individual, pelo que será sempre necessária uma ‘auscultação’ dos alunos nesse sentido e como já acima se tinha referido, deverão proporcionar a aquisição de conhecimentos essenciais ou para o prosseguimento dos estudos ou para a inserção em esquemas de formação profissional.

Para além disso, é necessário ainda, conhecer quais as competências gerais a desenvolver neste nível de ensino e que estão previstas no *Currículo Nacional do Ensino Básico*, tais como:

- *“mobilizar saberes culturais, científicos e tecnológicos para compreender a realidade e para abordar situações e problemas do quotidiano (...)”*;
- *“(...) adoptar metodologias personalizadas de trabalho e de aprendizagem adequadas aos objectivos visados;*
- *pesquisar, seleccionar e organizar informação para a transformar em conhecimento mobilizável;*
- *adoptar estratégias adequadas à resolução de problemas e à tomada de decisões;*
- *realizar actividades de forma autónoma, responsável e criativa”*.

(In:http://www.dgidec.min-edu.pt/public/compessenc_pdfs/pt/LivroCompetenciasEssenciais.pdf).

É de notar que não se referiram, nem todos os objectivos gerais do ensino básico, nem todas as competências gerais estabelecidas no Currículo Nacional do Ensino Básico, porque o projecto que iremos propor incide em domínios mais específicos e por isso, trabalhará sobretudo os objectivos e competências que se referiram acima.

Como afirma Barros (2001):

“O sistema educativo tem, de facto, um papel essencial na transmissão de conhecimentos, qualificações e aptidões aos profissionais do futuro, no que diz respeito à aquisição de ferramentas para responder com eficácia às novas exigências do mercado de trabalho, desde que assegure a criação de uma «cultura de iniciativa». Despertando boas práticas potenciadoras e encorajadoras de criatividade, em detrimento de um mero processo de



reprodução passiva de informações, com o propósito de remover obstáculos que a construção do futuro profissional suporta.”.

É sobretudo, na ‘preparação e construção de um futuro profissional’ para os alunos que este projecto se insere, uma vez que visa a criação de um espírito empreendedor, de uma cultura empreendedora, que “[despertará] boas práticas potenciadoras e encorajadoras de criatividade” (ibidem).

O **empreendedorismo** é algo, de que se fala muito actualmente, e que está em franco desenvolvimento, porque tal como é mencionado no Relatório Final do Grupo de peritos – Projecto sobre a Educação e Formação para o Desenvolvimento do Espírito Empresarial no âmbito do “Procedimento Best” (2002):

“a realidade tem vindo a alterar-se rapidamente nos últimos anos e verifica-se uma sensibilização crescente, na Europa, para o facto de que deviam ser desenvolvidas iniciativas com o fim de promover a cultura empresarial e de encorajar a assunção de riscos, bem como incentivar a criatividade e a inovação.”

Como consequência, o espírito empresarial é reconhecido como uma competência base que pode ser adquirida através de uma aprendizagem ao longo da vida e este aspecto é reiterado pelo Conselho Europeu de Lisboa e a Carta Europeia das Pequenas Empresas (2000). Também, o Conselho da Educação aprovou um Relatório sobre os Futuros Objectivos dos Sistemas Educativos (2001), em que uma das ideias-chave é o estabelecimento de laços entre o ensino e as empresas, através da formação e da educação.

Não obstante, o empreendedorismo e o espírito empresarial continuam a ser **pouco trabalhados na Educação, mas sobretudo nos níveis de ensino mais baixos**, tal como refere é num artigo do Diário de Coimbra, reforçava-se também esta ideia: “(...)[Portugal é um] país com pouca iniciativa de empreendedorismo que precisa de ser contrariada, começando logo nas escolas, estimulando os alunos para a iniciativa pessoal.” Também no Relatório Final do Grupo de Peritos (2002) (anteriormente mencionado) se chegou à conclusão de que: “Só um país (Portugal) parece não demonstrar qualquer empenhamento político relativamente à educação para o desenvolvimento de espírito empresarial” e ainda, “A integração do espírito



empresarial no programa nacional a nível do ensino básico é rara ou é efectuada apenas de forma limitada.”.

- Portugal é um País avesso ao risco. Empresas empreendedoras nascem com fracas ambições.
- Sucessivas falhas do Estado e de mercado, contribuem negativamente para o empreendedorismo.
- Sistema de Ensino não o promove e a cultura dominante no tecido empresarial também não estimula a inovação nem a iniciativa.

Estas foram algumas das conclusões do Relatório da UNICE

A crescente importância que o empreendedorismo têm vindo a exercer em Portugal e sobretudo, a necessidade constatada, de que é necessário investir mais na formação e educação para o empreendedorismo para mudar as mentalidades e dotar os alunos de um espírito empreendedor, está também patente num documento redigido pela Direcção-Geral de Inovação e do Desenvolvimento Curricular e pelo Ministério da Educação (2006), onde se definem as **competências chave para o empreendedorismo**. Este documento refere as seguintes competências chave:

- *autoconfiança/assumpção de riscos* – é necessário ter uma imagem positiva de si próprio, assumir riscos sem ter medo de fracassar e confiar na sua capacidade de julgamento e de resolução de dificuldades;
- *iniciativa/energia* – demonstrar interesse pela realização de novas aprendizagens; actuar de forma proactiva e enérgica, sendo capaz de resolver problemas e atingir objectivos por si mesmo;
- *planeamento/organização* – estabelecer planos de acção de modo a garantir a execução de objectivos específicos, gerindo eficazmente o tempo, os recursos e o desenvolvimento das acções previstas;
- *resistência à frustração* – manter um comportamento equilibrado, com elevado nível de maturidade e de auto-estima face a situações que não decorrem de acordo, com as suas expectativas;



- *criatividade/ inovação* – gera novas ideias e abordagens com o intuito de melhorar e desenvolver novos processos e métodos, resolvendo problemas e transformando-os numa oportunidade de melhoria;
- *relações interpessoais* – estabelecimento de relações com os outros, que podem ajudar na concretização dos objectivos e trabalhando e procurando com estes, soluções positivas para todas as partes envolvidas.

Embora nem todas estas competências possam ser trabalhadas neste sentido, no ensino básico, pelo menos no 1º e 2º ciclo, todas elas serão visadas no projecto, apesar de poderem não ser desenvolvidas na totalidade ou pelo menos, não directamente, uma vez que o público-alvo deste projecto, são alunos ainda muito jovens.

O Relatório Final do Grupo de Peritos (2002), estabelece uma definição do *ensino para o desenvolvimento do espírito empresarial* para o ensino básico e secundário, vamos deter-nos apenas na primeira, que é o nível a que este projecto se destina. “*O ensino para o desenvolvimento do espírito empresarial visará incentivar nos alunos qualidades pessoais – tais como a criatividade, o espírito de iniciativa e independência – que contribuam para o desenvolvimento de uma atitude empreendedora, que provará ser útil na sua vida e em todas as actividades relativas ao mundo do trabalho. Nesta fase, devem ser utilizadas formas autónomas e activas de aprendizagem. Além disso, este tipo de ensino proporcionará um conhecimento precoce e um contacto com o mundo empresarial, assim como a compreensão do papel desempenhado pelos empresários na comunidade. As actividades pedagógicas poderão incluir o trabalho em projectos, a aprendizagem através do jogo ou a representação, a apresentação de casos de estudo simples e visitas a empresas locais.*”.

Este projecto, poderá ser aplicado no decorrer das actividades curriculares ou extracurriculares, conforme as escolas o decidirem, mas verificou-se que seria possível que o currículo do ensino básico comportasse um projecto deste âmbito, preconizando mesmo, alguns dos princípios orientadores a que se subordinam a organização e gestão do currículo, de acordo com o artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 6/2001, mencionado na *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico*:

–“*Existência de áreas curriculares disciplinares e não disciplinares, visando a realização de aprendizagens significativas e a formação integral dos alunos, através da articulação e da contextualização de saberes;*



- *Integração, com carácter transversal, da educação para a cidadania em todas as áreas curriculares; (...)*

- *Valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e actividades de aprendizagem (...) visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspectiva de formação ao longo da vida;*

- *Diversidade de ofertas educativas, tomando em consideração as necessidades dos alunos, por forma a assegurar que todos possam desenvolver as competências essenciais e estruturantes definidas para cada um dos ciclos e concluir a escolaridade obrigatória.”*

Este projecto visa de facto, integrar e mobilizar todos os alunos, como proporcionar-lhes novas metodologias, estratégias e situações de ensino-aprendizagem, que permitam a articulação e mobilização de diferentes saberes e conhecimentos e visem uma transversalidade curricular. Deste modo e por este ser um projecto de carácter transversal que visa trabalhar diferentes domínios curriculares, poderá ser desenvolvido nas áreas curriculares não disciplinares, como a área projecto e a formação cívica.

Por área projecto visa-se “*a concepção, realização e avaliação dos projectos, através da articulação de saberes de diversas áreas curriculares, em torno de problemas ou temas de pesquisa ou de intervenção, de acordo com as necessidades e os interesses dos alunos*” (In: Organização Curricular e Programas do Ensino Básico) e por área de formação cívica entende-se “*espaço privilegiado para o desenvolvimento da educação para a cidadania, visando o desenvolvimento da consciência cívica dos alunos como elemento fundamental no processo de formação de cidadãos responsáveis, críticos, activos e intervenientes, com recurso, nomeadamente, ao intercâmbio de experiências vividas pelos alunos e à sua participação, individual e colectiva, na vida das turmas, da escola e da comunidade.*” (In: Organização Curricular e Programas do Ensino Básico, 1998).

Como se percebe, a educação para o empreendedorismo é uma área onde está previsto investir-se, mas onde isso não tem acontecido ou pelo menos, tem ficado aquém do esperado e desejável, sobretudo, ao nível do ensino básico. Isto porque, apesar de reunir todas as condições necessárias para a implementação de projectos de empreendedorismo, isto é, de os objectivos e competências definidas para o ensino



básico possibilitarem o desenvolvimento de projectos desta natureza, estes não são realizados.

Assim sendo, o projecto que se irá propor pode ser inserido neste contexto, aproveitando as condições existentes e viabilizando a educação para o empreendedorismo no ensino básico, que está prevista em alguns dos documentos legais desde 2002. A iniciativa que se apresentará mais à frente será pioneira e visa o que é referido Relatório Final do Grupo de peritos – “Educação e Formação para o Desenvolvimento do Espírito Empresarial” (2004): *“o espírito empresarial deve ser considerado como uma abordagem transcurricular e inovadora, enquanto metodologia ou disciplina de estudo próprio, por isso dependente também do nível de escolaridade.”*

Em suma, propõe-se como se explicará mais adiante, um projecto que tenha em conta a legislação vigente e que anteriormente se abordou e que mobilize todos os alunos, proporcionando uma interacção com a comunidade (aspecto que actualmente, não é muito trabalhado nas escolas) e visando a aquisição de um espírito empreendedor, que proporcionara ainda, a aquisição de muitas outras competências e a mobilização de vários saberes e conhecimentos.



3. Enquadramento Teórico

3.1. O conceito de empreendedorismo e o seu papel na Educação

Este projecto visa fomentar nos alunos um espírito empreendedor, através de actividades simples e adequadas à sua idade e sem que os alunos estejam conscientes da ocorrência deste fenómeno. Pretende-se portanto, desenvolver um espírito empresarial, que é definido no Livro Verde para o **Espírito Empresarial** (2003) como: *“uma atitude mental que engloba a motivação e capacidade de um indivíduo (...) para identificar uma oportunidade e para concretizar com o objectivo de produzir um novo valor ou um resultado económico”*.

Segundo esta definição **empreender** é inovar numa nova realização, é observar o meio que nos rodeia e criar e explorar novas oportunidades. Como vem referido no “Projecto É!”, *“Empreender é fundamentalmente encarar a realidade que nos envolve como um conjunto de oportunidades de mudança e ter o desejo e a energia para a transformar”*¹

Este é o rumo deste projecto, não no sentido de que os alunos construam planos de negócios, mas sim, que criem oportunidades com base na realidade que os rodeia e que a procurem mudar, resolvendo os problemas com que se deparam e sendo capaz de tomar decisões inovadoras, trabalhando em equipa na consecução dos seus objectivos.

Importa por isso esclarecer em que consiste o **empreendedorismo**. Este conceito é um neologismo que deriva da palavra *entrepreneurship*, que remete para o estudo do comportamento do empreendedor, em que *“O espírito empresarial é a atitude mental e o processo para a criação e desenvolvimento de actividades económicas, combinando o risco e a criatividade e/ou inovação com uma gestão rigorosa no âmbito de um organismo novo ou já existente.”*Mas no presente projecto não se procura desenvolver directamente o espírito empresarial ou actividades económicas, pretende-se sim, proporcionar actividades que promovam o aparecimento de determinadas competências nos alunos, que servirão de base ao desenvolvimento, de um espírito empresarial ou empreendedor.



Neste projecto, o empreendedorismo poderá definir-se mais de acordo com estas palavras de Godinho: *“a arte de fazer acontecer com criatividade e motivação (...) prazer de realizar com vontade e inovação qualquer projecto pessoal ou organizacional, em desafio permanente às oportunidades e riscos (...) é o despertar do indivíduo para o aproveitamento integral de suas potencialidades racionais e intuitivas. É a busca do auto-conhecimento em processo de aprendizagem permanente com atitude de abertura para novas experiências e novos paradigmas.”*

Mas qual o **papel que o empreendedorismo** pode assumir e/ou **assume na Educação?**

No Relatório Final do Grupo de peritos da Comissão Europeia de Empresa (2002), é referido: *“Encorajar o espírito empresarial constitui uma chave para a criação de emprego e para aumentar a competitividade e o crescimento económico em toda a Europa”* e embora este seja influenciado por inúmeros factores, o factor cultural tem de ser considerado. Neste sentido, a educação surge como meio inicial para o desenvolvimento de atitudes e competências empresariais, que se desenvolverão também, através de uma aprendizagem ao longo da vida.

Contudo, como também é mencionado neste relatório, não deve confundir-se a educação para o desenvolvimento do espírito empresarial com estudos de economia ou como tendo a única finalidade de construir negócios ou empresas. O empreendedorismo deve compreender uma educação mais abrangente e alargada e que permita desenvolver e fomentar esse espírito, criando uma cultura e ambiente empreendedores. Esta ideia é apoiada por Virgínia Trigo (s/ data) que refere que para se ‘trabalhar’ o empreendedorismo em Educação é necessário em primeiro, estimular para uma cultura empreendedora, e desenvolver um espírito empreendedor. A autora acrescenta ainda, que *“o sistema educativo parece ser o veículo mais capaz de desempenhar a função de aculturação necessária (...) para mudar mentalidades e redireccionar energias.”*

Ou seja, o ensino do empreendedorismo justifica-se em primeiro lugar, para aumentar a consciencialização dos alunos sobre o empreendedorismo, porque a educação permite de facto, alterar as mentalidades e deste modo, as pessoas aprendem a aceitar este conceito e ideia e a partir daí sim, este poder-se-á desenvolver e fincar. (Júnior e Silva, 2004 e Trigo, s/ data). Estes autores estão de acordo, quanto ao facto, de que o empreendedorismo poder ser ensinado, Trigo (s/ data) refere que isso deve



acontecer logo desde os primeiros anos de escolaridade e os outros autores, referem que se deve recorrer à metodologia de “aprender fazendo”, utilizando conceitos amplos que possam ser relacionados multidisciplinarmente; tendo em conta as experiências dos alunos, bem como a sua sensibilidade, atitudes e valores; proporcionar-lhes o contacto com empresas e instituições e encorajá-los a tomarem decisões em situações de conflito ou stress.

3.2. O currículo, o currículo oculto e o currículo informal

O **currículo** refere-se a um “conjunto de aprendizagens consideradas necessárias num dado contexto e tempo e à organização e sequência adoptadas para o concretizar ou desenvolver” que se tornam currículo, quando têm uma “finalização, intencionalidade, estruturação coerente e sequência organizadora” (Roldão, 1999).

O currículo, é o percurso que se delinea para orientar e organizar os processos de aprendizagem, que poderá ser mais ou menos rígido, isto é, existem currículos em que tudo está previsto e pensado e outros que são deixados em aberto, para que os alunos e professor possam negociar os seus objectivos e geri-lo de acordo com as suas necessidades. John Kerr define-o como “*toda a aprendizagem planeada e guiada pela escola, quer seja realizada em grupo ou individualmente, dentro ou fora da escola*”. (Machado, 1991). Outras definições propostas são: “*conjunto de experiências educativas vividas pelos alunos dentro do contexto escolar, ora como um propósito bastante flexível que permanece aberto e dependente das condições da sua aplicação*” e Grundy (1987) menciona que “*O currículo (...) é uma construção cultural (...) um modo de organizar um conjunto de práticas humanas*”. (Pacheco, 1996).

Contudo, embora se defina um conjunto de aprendizagens, existem sempre aspectos que não são previstos, mas que os alunos aprendem de qualquer forma, muitas vezes sem terem consciência de que o estão a fazer, isto designa-se por **currículo oculto** e representa “*as coisas que os alunos aprendem na escola em virtude do modo como o trabalho da escola é planeado e organizado, mas que não estão abertamente incluídas no plano ou mesmo na consciência dos responsáveis pela organização escolar*” (Machado, 1991).



O **currículo informal** corresponde ao que não é previsto nos planos e programas, que normalmente é de carácter voluntário e ocorre fora dos períodos lectivos e que muitas vezes são designadas por actividades extracurriculares. (*ibidem*).

3.3. As dinâmicas de grupo como meio para uma aprendizagem eficaz

O grupo define-se pela sua interdependência, estabelecida entre o indivíduo/grupo e o meio ambiente e é nisto que se baseia a sua dinâmica. (Cornaton, 1979). Minicucci (1991) refere que os grupos são por um lado, uma organização social, uma vez que têm uma estrutura formal, meios de actuar e realizam actividades e tarefas e por outro lado, um agrupamento psicológico, porque se estabelece uma inter-relação dos indivíduos com os outros. Visto que os elementos de um grupo estão em interacção dinâmica uns com os outros, essas ligações produzem satisfações e insatisfações e “*Sem dúvida, a relação psicológica dos membros afecta a moral, o trabalho e a participação dos membros do grupo*” (*ibidem*).

É essencial saber trabalhar em grupo, não só na escola, mas sim, como preparação para a vida profissional e para a vida em sociedade. Como tal, quando se trabalha em grupo é preciso ter presente que ‘se dá’ e ‘se recebe’ e como tal: devem ser favorecidas as acções que proporcionem um bom entendimento ao grupo e que tenham em vista o objectivo grupal e a qualidade e eficácia do trabalho; cada elemento do grupo deve sentir-se integrado, valorizado, apreciado e respeitado pelos restantes elementos; deve trabalhar-se em equipa mas respeitando o espaço e características pessoais dos outros. Ao trabalhar em grupo, não se pode desejar que o trabalho resulte logo desde o primeiro dia, é necessário conhecer e habituarmo-nos ao grupo, aos ritmos e interesses de cada um e por vezes, saber renunciar a algumas opiniões e ideias em detrimento das ideias dos outros e do objectivo do grupo. (Bonals, 2000).

O mesmo autor refere que o trabalho de grupo desempenha três funções: regulação da aprendizagem, na medida em que permite organizar as tarefas de modo mais ou menos autónomo, aumenta a capacidade de cumprir decisões e permite integrar novos conhecimentos; socialização – melhora as habilidades sociais dos alunos,



nomeadamente, as capacidades de dialogar; as relações com os outros e a participação e intervenção; potenciação do equilíbrio emocional, visto que permite satisfazer algumas das necessidades dos indivíduos e saber de que modo é que os outros nos percebem.

Contudo, Bonals (2000) alerta ainda, para as dificuldades desta prática pedagógica, por exemplo, não é possível, nem se ensina aos alunos como trabalhar em grupo; por outro lado, nem todas as aulas, disciplinas e turmas reúnem as condições necessárias para se trabalhar em grupo e às vezes, nem os próprios professores se sentem à vontade para utilizar esta metodologia.

Deste modo, para trabalhar esta prática em sala de aula, é necessário que os professores expliquem aos alunos que este é um modo diferente de ensino aprendizagem, mas que pressupõe na mesma, que todos os elementos aprendam o suficiente e na totalidade e que todos devem trabalhar juntos para atingir um objectivo comum e que através desta prática, aprenderão a ajudar os outros e a participar e conhecer-se-ão melhor.

Em síntese, esta prática pedagógica consiste em ‘aprender fazendo’, representa um modo de aprendizagem espontâneo e uma prática dinâmica, na qual é preciso: agrupar correctamente os alunos, i. é, o grupo deve ter o número de alunos suficientes para que com os recursos de que dispõem, sejam capazes de resolver a tarefa; proporcionar uma boa dinâmica e seleccionar correctamente as tarefas a realizar. (*ibidem*).



3.4. A motivação, a autonomia e a responsabilização dos alunos

A motivação e a aprendizagem estão intrinsecamente ligadas, “*Não só a motivação afecta a aprendizagem, como também a aprendizagem afecta a motivação*”. Um **motivo** é composto por uma necessidade (fisiológica ou psicológica) e um impulso (que se baseia nas necessidades, mas tem um carácter de mudança observável do comportamento). Assim sendo, só se considera que a pessoa está num estado de impulso quando a necessidade incentiva essa pessoa a agir, assim sendo motivo “*refere-se a um impulso (uma necessidade activada) que se dirige em direcção, ou se afasta, a uma meta. (...) o défice interno (necessidade) empurra a pessoa para a acção (impulso) aproximando-a ou afastando-a de uma meta específica. Finalmente, o comportamento último do indivíduo pode assentar numa série de metas, isoladas ou combinadas*”. (Sprinthall e Sprinthall, 1993).

Assim sendo, facilmente se compreende que quando uma pessoa está motivada tem mais facilidade em aprender, porque tem um motivo para atingir esse objectivo, ou seja, é impulsionado nessa direcção. Este tipo de motivação, corresponde a uma motivação social – aprendida ou adquirida – que pode estar associada a uma necessidade de aprovação, à realização, à competência, à curiosidade, à cooperação e competição ou à repressão. (*ibidem*).

A **autonomia e responsabilização** dos alunos são outro aspecto importante, que derivam do movimento da Escola Moderna¹ em que os alunos são o centro do processo de ensino-aprendizagem, em torno do qual se desenvolvem os programas curriculares e se desenrola a actividade do docente, estes são responsáveis pelas aprendizagens que realizam e têm autonomia para a realizarem ao seu ritmo e de acordo com as suas necessidades e interesses. O professor tem neste caso, um papel de orientador do processo educativo, ajudando e auxiliando o aluno naquilo que ele necessitar. Em suma, “*a nova escola relaciona-se com a vida e experiências pessoais do aluno que é levado a entender e trabalhar matérias de uma forma crítica, numa escola que se deseja cada vez mais aberta e onde a individualidade e a voz de cada um se possa fazer ouvir de uma forma diferente.*” (Puga, 2001).



É preciso que estes dois conceitos sejam tidos em conta em educação, porque “Segundo Freire, *"o educador que 'castra' a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica"*. A autonomia, a dignidade e a identidade do educando tem de ser respeitada, caso contrário, o ensino tornar-se-á *"inautêntico, palavreado vazio e inoperante"*.” (Serpa e Serpa, 1997). Tal como os autores referem, parafraseando Freire (1997), a autonomia é condição essencial, para um ensino autêntico, porque segundo este, só se estabelece uma comunicação autêntica da aprendizagem, porque a pedagogia é *"fundada na ética, no respeito `a dignidade e `a própria autonomia do educando"*.

¹ O Movimento da Escola Moderna surge com Freinet na década de 50 e desenvolveu a sua metodologia baseando a aprendizagem dos alunos, nos próprios alunos, ou seja, a responsabilidade e autonomia da aprendizagem é o fio condutor de todo o processo e desenvolvimento educativo das crianças, possibilitando assim uma aprendizagem por gosto e não por obrigação.



4. Caracterização Geral do Projecto

Este é um projecto de cariz educativo, que visa sensibilizar os alunos dos 1.º, 2.º e 3.º Ciclos para a importância da criatividade e da inovação no Século XXI. Estes alunos terão oportunidade de realizar, um conjunto diverso de actividades que os levará a atingir um objectivo. Como tal, os alunos terão na sua implementação um papel fundamental, pois são eles os responsáveis pelo desenvolvimento de todo o projecto. Todas as decisões importantes para o desenvolvimento do projecto serão tomadas por eles, pelo que deste modo, se promovem valores como a responsabilidade, respeito pelos outros e a autonomia.

Este programa tem um carácter transversal, pois embora seja referente a uma temática particular “o empreendedorismo” prevê-se uma grande inter-relação com outros conteúdos, muito deles curriculares. Por exemplo, a matemática será abordada, pois ao propor-se um investimento, os alunos terão que saber geri-lo, pensar quanto estão dispostos a gastar e quanto é que devem vir a receber. Este projecto poderá gerar um desejável cruzamento de conteúdos e mesmo os professores, que não estão directamente implicados no projecto, poderão em algumas situações colaborar com a turma.

Este projecto preferencialmente, deve ser desenvolvido dentro de um grupo - turma, com o acompanhamento e supervisão de um professor/formador. O professor vai em conjunto com os promotores do projecto definindo estratégias, que possam ser mais adequadas ao desenvolvimento do projecto.

Este programa pode ser desenvolvido em horário escolar em disciplinas extracurriculares, tais como Área Projecto ou Formação Cívica ou no horário das disciplinas curriculares.

Uma vez que o público-alvo deste projecto são alunos do Ensino Básico e tendo em conta as faixas etárias dos mesmos, não se pretende ensinar aos alunos conteúdos teóricos muito aprofundados ou específicos, mas pretende-se sim, que eles desenvolvam actividades de carácter empreendedor, que se prendam com os seus interesses e mobilizando conhecimentos e competências de que já dispõem.

Este plano embora se integre e destine ao ensino formal, preconiza um modo de ensino não-formal – aprender fazendo – mas sem que os alunos tenham efectivamente,



consciência de tudo o que aprendem, por exemplo, aprendem os conceitos de investimento, lucro, receita, despesa, entre outros.

Em suma, pretende-se com este projecto, que os alunos fiquem mais predispostos ao risco, que adquiram maior confiança nas suas capacidades, que adquiram motivação para desenvolver futuras iniciativas e que adquiram um espírito empreendedor. (Cf. Anexo).



5. Finalidades & Competências

| Finalidades | Competências a desenvolver |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none">▪ Sensibilizar e motivar os jovens alunos para a importância de criarem algo único e inovador.▪ Conceber algo que os faça progredir enquanto grupo.▪ Confrontar os alunos com situações de decisão.▪ Proporcionar aos alunos experiências de gestão e decisão financeira em micro-escala.▪ Conseguir gerir internamente situações de conflito.▪ Desenvolver conceitos de democracia e unanimidade.▪ Promover a realização pessoal das crianças.▪ Estimular aptidões dos alunos, sejam elas, técnica; manuais e teóricas. | <ul style="list-style-type: none">▪ Inovação▪ Criatividade▪ Dinâmica de Grupo▪ Empenho▪ Espírito Empreendedor▪ Dinamismo▪ Autonomia▪ Responsabilidade |



6. Metodologia

O modelo de Projecto por Competências

Este projecto baseia-se num modelo curricular de Projecto por Competências. Esta opção metodológica justifica-se pelo o cariz dinamico e aberto a que o projecto está associado. Desta forma, um modelo curricular de projecto por competências torna-se uma mais valia ao desenvolvimento desta ideia, pois, desta forma os alunos criarão estratégias e aplicarão capacidades adquiridas, anteriormente, para atingir o seu próprio objectivo. Neste modelo os alunos criam o “seu” projecto e fazem do mesmo.

Assim sendo, este projecto pode ser definido como Dewey (1968) como um projecto que se traduz *em actos a concepção dos fins e da organização dos meios (...)* [é um] *trabalho de elaboração segundo um plano e um método de acção baseado na previsão das consequências em dadas condições e numa certa direcção.*”

Para além disso, este plano também corresponde a um currículo centrado na situação, ou seja, é um currículo em que se parte das situações para criar contextos significativos de aprendizagem, para desenvolver certas competências, nos alunos. Tal como refere Pacheco (1996) *“parte da ideia de que as pessoas, quando participam em factos e organizações, podem aprender a colaborar e a modificá-las (...)* [é] *uma construção emancipatória, assumida pelo colectivo (...) através do trabalho cooperativo (...) de todos os que intervêm no processo curricular*”.

Pacheco (s/data) define competência como *“capacidade, poder de apreciar ou resolver dado assunto (...) conjunto de conhecimento teóricos ou práticos que uma pessoa domina, de requisitos que preenche e são necessários para um dado fim”* (Dicionário de Língua Portuguesa Contemporânea, 2001) - que diz respeito ao desempenho concreto da prática, do saber-fazer. Esta citação vai ao encontro do que também é afirmado por Perrenoud (2001) quando menciona que *“não existe competência sem saberes, [sendo] ingredientes indispensáveis”*, visto que, de facto, são precisos conhecimentos para que possamos adquirir certas competências, resolver problemas, tomar decisões e construir estratégias. Ainda neste sentido, Rey (2002) afirma que *“a competência ora é concebida como uma potencialidade invisível,*



interior, pessoal, susceptível de gerar uma infinidade de performances, ora ela se define pelos comportamentos observáveis, exteriores, impessoais.”

Público-alvo

Este Projecto destina-se a crianças e adolescentes com idades compreendidas entre os 6 e os 15 anos, que podendo se aplicado no contexto escolar abrangeria o 1.º, 2.º e 3.º Ciclo do Ensino Básico.

As actividades a desenvolver por estes grupos seriam diferenciadas e adaptadas às necessidades do grupo em específico.

Na fase de execução existirão três projectos diferenciados, um para o 1º ciclo, um para o 2º ciclo e outro para o 3º Ciclo.

Fases do Projecto

1ª Fase - Análise das Necessidades

Segundo Tyler (1973), um clássico em temas curriculares, avaliar as necessidades significa que se devem considerar as carências existentes para esboçar os objectivos da educação. Necessidades que se identificam no desenvolvimento do currículo através do estudo de três fontes: **a criança (público-alvo); os formadores / educadores e a sociedade.**

Esta fase comporta, pois, a recolha de informação que nos permite, posteriormente à análise e organização da informação obtida, conhecer o contexto em que irá ser aplicado o projecto. Em Keil (1971) podemos perceber as vantagens de uma análise de necessidades pois esta:

- Centra a atenção dos programadores nos problemas mais salientes, o que proporciona uma mais eficaz utilização e localização de recursos humanos materiais e temporais;
- Permite justificar a razão pelo qual o projecto posterior se vai centrar nuns aspectos e não em outros
- Oferece informação sobre a situação de entrada que facilitará a avaliação de mudanças posteriores ocorridas no público-alvo do projecto.



Nesta fase do projecto procurar-se-á constatar os desejos dos sujeitos que participarão na actividade; formular-se-ão hipóteses de situações que, a partir de distintos pontos de vista, melhor se ajustem aos sujeitos, para que posteriormente, se discutam os aspectos propostos. Com isto, pretende-se avaliar as necessidades individuais dos participantes.

Na 1ª etapa deste processo metodológico, também se pretendem avaliar as necessidades que o público-alvo sente relativamente ao desenvolvimento do projecto. Assim, irá fazer-se um levantamento do tipo de actividades que poderão ser efectuadas, de forma, a ir mais além que os mínimos previstos e simultaneamente perceber que experiências colaterais poderão otimizar tanto o processo (riqueza experiencial) como os resultados a alcançar (eficácia).

No quadro seguinte, apresentam-se as fontes de análise; o tipo de informação que se pretende obter; a quem se recorrerá para obter essa mesma informação e as estratégias utilizadas para obtenção dessa mesma informação.



| FONTES | TIPOS DE INFORMAÇÃO | OBTENÇÃO DA INFORMAÇÃO | ESTRATÉGIA |
|----------------------------|--|---|---|
| Crianças / Público-alvo | <ul style="list-style-type: none">▪ Meio sócio-económico▪ Experiências escolares▪ Experiências extra-escolares▪ Aspectos Cognitivos▪ Aspectos não cognitivos | <ul style="list-style-type: none">▪ Professores▪ Crianças | <ul style="list-style-type: none">▪ Entrevistas semi-estruturadas▪ Conversas informais▪ Inquéritos de Opinião |
| Família | <ul style="list-style-type: none">▪ <i>Status</i> sócio-económico▪ Atitudes face à escola▪ Cooperação escola-família▪ Participação | <ul style="list-style-type: none">▪ Pais | <ul style="list-style-type: none">▪ Conversas informais▪ Inquéritos |
| Espaço Físico de Aplicação | <ul style="list-style-type: none">▪ Formadores / Educadores disponíveis▪ Espaços▪ Recursos Materiais e técnicos▪ O Modelo educativo▪ Dinâmica relacional existente | <ul style="list-style-type: none">▪ Responsável/ coordenador do espaço físico | <ul style="list-style-type: none">▪ Questionário▪ Conversa Informal |



2.ª Fase - Formação dos Formadores

Esta etapa do projecto, consiste apenas num ‘meio para atingir um fim’, isto é, consiste em dar a conhecer aos professores o projecto e o modo como este deverá ser implementado, visto que são os professores quem transmitirá a ideia aos alunos e trabalhará com eles neste projecto e pretende-se também, motivar os professores para o empreendedorismo e a necessidade de o seu ensino. Deste modo, é necessário que os professores conheçam e percebam a ideia do projecto e o modo como este deve ser desenvolvido e trabalhado e é também importante que retenham alguns conceitos básicos de empreendedorismo e da sua importância para a sociedade e para a educação. Contudo, esta formação será essencialmente para preparar a execução prática do projecto e não para fornecer conhecimentos teóricos muito aprofundados ou abrangentes.

Esta formação é dirigida aos professores que desejarem integrar e desenvolver este projecto nas suas turmas e terá em conta as realidades e contextos específicos em que cada professor se insere, isto é, ter-se-á em consideração as características particulares de cada turma, para melhor se adaptar e adequar o projecto às turmas que o vão desenvolver. Assim sendo, esta formação preparará os professores para a execução deste projecto, mas também visa criar as condições necessárias para cada turma o poder executar.

Pretende-se que no final desta formação os professores estejam preparados para iniciar este projecto de Empreendedorismo junto dos seus alunos



3ª Fase - Desenvolvimento do Projecto

Serão agendadas algumas sessões com os alunos, professor responsável e com os dinamizadores do projecto, em que de uma forma clara e sucinta se apresentará o projecto e o modo como se pretende implementá-lo.

Estas primeiras sessões consistirão numa partilha de experiências e de ideias, para conhecer quais as expectativas dos alunos.

o Definição do Objectivo de Turma

Esta é uma etapa crucial para o sucesso e bom desenvolvimento deste projecto, como tal, deverão estar presentes, todos os alunos e o professor/ formador.

Os alunos de forma completamente autónoma, irão determinar entre si um objectivo, algo que gostassem de concretizar. É importante que todos sejam ouvidos e que se chegue a um consenso. O professor não deve em momento algum, impor uma solução, deve respeitar sempre a vontade dos alunos, pois é essencial que sejam os alunos a definirem as suas prioridades. No entanto, o professor não deve abdicar do seu papel de moderador, de tutor, orientador e mediador do grupo.

O objectivo determinado pelos alunos deverá ser realista e consensual, é importante que seja algo a que os alunos atribuem valor para que estes se possam sentir recompensados pelo esforço que se propõem a fazer.

o Encontrar ideias e realizar propostas em que se possam investir e tornar o investimento rentável

Os alunos, para atingirem aquilo a que se propuseram, vão nesta fase tentar encontrar soluções, ideias que possam ser postas em prática e que possam trazer valor ao grupo.

Nesta fase, colocam-se muitas opções, cabe ao grupo optar tendo em conta as suas especificidades. Os alunos podem tentar junto de algumas empresas (onde os pais trabalhem), ou outras instituições algum financiamento para as suas actividades. Uma outra opção é cada aluno dar 1 ou 2 euros e investir esse dinheiro na compra de materiais que depois possam ser trabalhados e posteriormente vendidos, resultando dessa venda dividendos que possam ajudar a alcançar a meta a que o grupo se propôs. Esses fundos agora alcançados podem posteriormente ser investidos, para realizarem



acções semelhantes ou outras, que de algum modo possam ser criativas e inovadores, criando assim vantagens sobre outros produtos que já existem.

- **Divisão em grupos, estabelecimento de tarefas e divisão de cargos**

A turma pode dividir-se em grupos, em que cada poderão trabalhar todos para o mesmo objectivo, mas de maneiras diferentes, isto é, investem em ‘produtos’ e formas de rentabilizar as suas ideias, diferentes, em que cada elemento do grupo terá uma função e uma tarefa específica a desenvolver. Ou por outro lado, cada grupo de alunos, tem um cargo e função específica, trabalhando todos em equipa para o mesmo objectivo e utilizando as mesmas estratégias. Uns podem dedicar-se a construir novos materiais, para posterior venda, outro grupo pode ficar encarregue de contactar outras instituições que os possam apoiar, na realização do seu projecto.

- **Planeamento da estratégia e das acções a desenvolver**

Os alunos têm que decidir que estratégias ou acções vão desenvolver, dentro de cada grupo ou toda a turma em conjunto, para decidir como rentabilizar o investimento que fizeram, que recursos e materiais precisam, em que publicidade investir, a quem se destina o produto. Ou seja, nesta etapa os alunos devem clarificar o que pretendem fazer, como e quando.

- **Determinar o Investimento**

Os alunos vão neste momento, fazer um investimento, mas anteriormente já tiveram que recolher fundos. Esta obtenção de fundos pode ser realizada de diferentes formas. Uma hipótese é cada aluno disponibilizar uma pequena verba para investir, mas podem surgir outras ideias mais viáveis dentro do grupo, podem inclusivamente tentarem obter recursos junto de empresas da comunidade, com o auxílio dos professores ou pais/encarregados de educação. Nesse caso, teriam então de se prever, visitas de estudo ou contactos com essas mesmas entidades/instituições.

- **Contacto com pessoas, entidades e instituições que possam colaborar com os alunos.**

O investimento realizado pode ser investido em materiais para criarem produtos ou na compra de algo, que poderão procurar negociar com pessoas, entidades ou



instituições. Para além disso, poderão recorrer a instituições ou pessoas para vender os seus produtos, para os publicitarem ou como forma de patrocínio. Mas este contacto, com pessoas mais ligadas ao meio empresarial é muito importante.

- **Gerir e Reinvestir a receita**

Os alunos como gestores de todo o projecto, devem no final de cada actividade decidir sempre o que querem fazer com a verba que possuem. Podem reinvesti-la toda em novas actividades, podem investir apenas uma percentagem dessa verba e colocar a outra parte numa conta bancária. As opções são diversas sendo essencial que o grupo reflita acerca das consequências que cada uma das opções pode ter.

- **Realização de acções que rentabilizem o investimento**

As acções realizadas para rentabilizar o investimento, podem consistir na organização de festas, em vendas públicas ou exposições. Em suma, consistem em actividades através das quais, os alunos terão de dar a conhecer os seus produtos e daí conseguir gerar lucros.

- **Trabalho de Planeamento para atingir o Objectivo**

Se o grupo decidiu comprar um computador, é importante que com alguma antecipação se comecem a pedir orçamentos, a consultar preços em diferentes empresas. Os alunos devem trabalhar de modo a conseguirem ter o que pretendem nas melhores condições possíveis.

- **Concretização do objectivo de turma.**

Consoante o objectivo que tiver sido definido, nesta última fase o professor deve ajudar os alunos a concretizá-lo, por exemplo, ajudando os alunos a organizar a viagem que tinham planeado fazer ou a realizar a compra que tinham pensado. Mas é importante que os alunos sejam envolvidos nesta etapa e trabalhem activamente nela, para que possam sentir o objectivo como seu, como produto do seu trabalho e perceber que valeu a pena todo o esforço e empenho dispendidos.



○ **Reflexão e recolha de opiniões sobre o desenvolvimento do projecto**

No final o professor e os coordenadores do projecto, devem procurar saber junto dos alunos, através de conversas informais, questionários ou observações o que é que os alunos acharam do projecto, que dificuldades sentiram, que vantagens lhe apontam e tudo o que possa ser importante para avaliar a eficácia deste projecto.

Conclusão

Estes momentos não têm obrigatoriamente de ser seguidos, ou pelo menos, por nesta ordem. Cada grupo terá características particulares e específicas, que devem ser tidas em conta, para o desenvolvimento deste projecto e em cada uma das etapas e uma vez que os objectivos definidos por cada turma, certamente irão variar, isto também influenciará este processo. Como tal, estas fases permitem apenas dar uma indicação daquilo que se pretende implementar.

Todos os grupos de alunos terão sempre a responsabilidade de gerir este processo com autonomia e responsabilidade, sendo o professor apenas mais um elemento no grupo, com algumas responsabilidades especiais e acrescidas, nomeadamente, orientar e direccionar o grupo, apaziguar algum conflito que possa surgir ou outras questões em possa ser útil, pois certamente encarará a realidade de uma outra perspectiva. (Cf. Anexo).



4ª Fase - Avaliação

A avaliação deste projecto visa informar sobre o decorrer do processo de ensino-aprendizagem. Porém, a esta função básica tem de se acrescentar o compromisso qualitativo de fornecer informação, o mais rica possível, quer em profundidade, quer em extensão.

Neste sentido, o tipo de avaliação aqui apresentada abrange toda a diversidade de componentes e aspectos que o ensino-aprendizagem apresenta e é indispensável que recorra a todas as possibilidades disponíveis para alcançar a maior riqueza de informação e, a partir dela, a maior repercussão possível sobre o funcionamento do projecto.

O que importa avaliar são, não apenas os produtos cognitivos, mas também, outras variáveis (processo de realização desses produtos, a adaptação dos sujeitos, dinâmica da aula, âmbitos da afectividade e expressão pessoal, comportamentos idiossincráticos dos sujeitos, etc.). Desta forma a avaliação é entendida por nós como um processo de recolha e fornecimento de evidências sobre o funcionamento e evolução do projecto, com base nas quais se tomam decisões sobre a possibilidade, efectividade e valor educativo.

O dispositivo de avaliação concebido para este projecto, compreende três estratégias diferentes de avaliação: avaliação do processo, do produto e do impacto.

A **avaliação do processo** decorre ao longo de todo o projecto, tem um carácter formativo, de feedback sobre as acções e realizada com o intuito de acompanhar o desenvolvimento do projecto e verificando a sua eficácia e podendo introduzir alterações sempre que necessário. Assim sendo, esta avaliação envolve todos os participantes e intervenientes no projecto, visando recolher elementos globais, tais como: qualidade, conteúdos, métodos, métodos, condições de trabalho, formadores, entre outros.

A **avaliação do produto** pretende avaliar os resultados deste projecto, mas sobretudo, os resultados materiais, isto é, os materiais produzidos pelos alunos ou os produtos do seu trabalho no âmbito neste programa, com o intuito de verificar se os objectivos definidos inicialmente pelos coordenadores do projecto e pelos alunos foram atingidos, verificando também, que competências é que foram adquiridas.



A **avaliação do impacto** ocorre após a concretização do projecto, para que seja possível identificar os efeitos é que o projecto teve nas escolas, nas turmas, nos professores e nos alunos em que/e com os quais se desenvolveu o projecto. Pretende-se por exemplo, verificar qual a ‘abertura’ da escola a futuros projectos de índole semelhante; que importância atribuem as escolas e os professores após o desenvolvimento do projecto, ao “Educar para o Empreendedorismo”; se houve uma alteração de comportamento e de espírito e cultura empreendedora nas turmas e se os alunos demonstram comportamentos, capacidades e atitudes mais empreendedoras. Em suma, pretende-se desenvolver uma apreciação sobre as vantagens e desvantagens do projecto e sobre a sua operacionalização.

No quadro que se segue, é apresentada uma matriz conceptual da forma como a avaliação irá ser realizada, tendo em conta os intervenientes, os responsáveis, as estratégias, metodologias e instrumentos utilizados e as finalidades de cada uma das vertentes avaliativas.



| | Avaliação do Processo | Avaliação do Produto | Avaliação do Impacto |
|----------------------------|---|--|--|
| Modalidades | | | |
| Responsáveis | Coordenadores e Professores | Coordenadores e Professores | Coordenadores |
| Participantes | <ul style="list-style-type: none">- Coordenadores- Professores- Alunos | <ul style="list-style-type: none">- Coordenadores- Professores | <ul style="list-style-type: none">- Coordenadores |
| Finalidade | Gestão e Eficácia do projecto | Verificar se os objectivos do projecto e dos alunos foram atingidos | Verificação dos efeitos do projecto nas escolas, nos professores, nas turmas e nos alunos. |
| Momento/Espaço | <ul style="list-style-type: none">- Sessões de desenvolvimento do projecto: início, final e durante o ano lectivo. | <ul style="list-style-type: none">- Sessões de produção/venda/publicidade dos materiais. | <ul style="list-style-type: none">- No final do projecto/ano lectivo. |
| Instrumentos Metodológicos | <ul style="list-style-type: none">- Conversas e entrevistas informais- Reuniões periódicas com os professores- Monitorização- Observação das aulas | <ul style="list-style-type: none">- Materiais produzidos ou comprados.- Produtos realizados pelos alunos. | <ul style="list-style-type: none">- Reflexões produzidas pelos alunos e professores, relatório com base na monitorização realizada e conversas informais com responsáveis pelas escolas. |
| Tipo de Informação | Apreciação sobre: qualidade, conteúdos, métodos, métodos, condições de trabalho, formadores, etc. | Apreciação do grau de concretização dos objectivos definidos, identificação dos objectivos e competências adquiridos. | Apreciação sobre vantagens e desvantagens do projecto e sobre a qualidade da sua operacionalização. |



7. Dispositivos

7.1. Esquema do dispositivo de formação

| Tipo de módulo/actividade | Horas de formação | | | | | | | | | | | |
|-------------------------------|---|--|----------------|--|----------------|----------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| | 1 ^a | 2 ^a | 3 ^a | 4 ^a | 5 ^a | 6 ^a | 7 ^a | 8 ^a | 9 ^a | 10 ^a | 11 ^a | 12 ^a |
| Introdução ao projecto | Apresentação sucinta do projecto e dos seus objectivos. | | | | | | | | | | | |
| Módulo de integração | | Explicação da dinâmica de formação e levantamento das características das turmas e dos próprios profissionais. | | | | | | | | | | |
| Módulos Teóricos | | | | 1. Definição e caracterização do conceito de empreendedorismo. 2. Importância do empreendedorismo na sociedade e na educação. 3. Desenvolvimento do empreendedorismo no ensino básico. | | | | | | | | |
| Metodologias | | | | | | | Explicação do | | | | | |



| | | | | | | | projecto/trabalho a desenvolver em sala de aula. | | | | | |
|---------------------------|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|--|
| Módulo de Projecto | | | | | | | | | | a) Conhecer as turmas nas quais o projecto vai ser desenvolvimento. b) Sistematização e planeamento do trabalho a realizar. | | |
| Módulo Final | | | | | | | | | | | | Conclusão da acção de formação e reflexão sobre a mesma. |

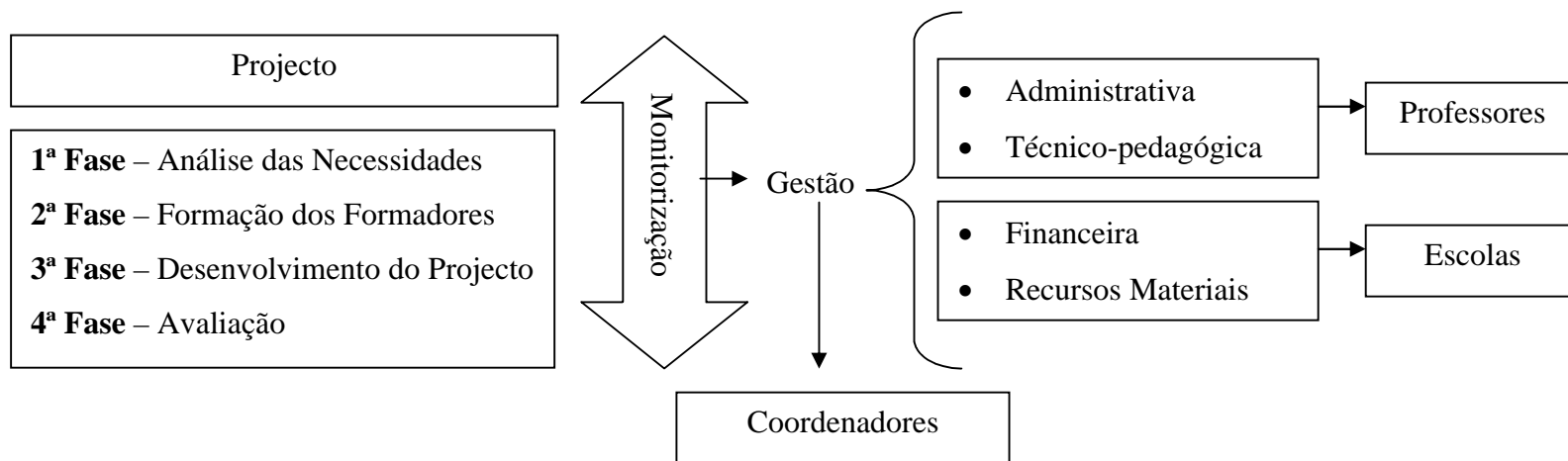


7.2. Dispositivo de monitorização

A monitorização será realizada pelos coordenadores do projecto, ao longo de todo o seu desenvolvimento projecto, i. é, desde a fase de análise de necessidades até à fase de avaliação, visando controlar se tudo decorre como planeado, que alterações é necessário fazer, quais as falhas apresentadas, quais os aspectos mais fortes. No fundo, é semelhante à avaliação, sendo que também proporciona informações para a mesma, mas tem sobretudo, uma função de regulação, orientação e acompanhamento do projecto.

A equipa de monitorização será responsável pela gestão administrativa (registo das sessões e das faltas, arquivo de documentação) gestão financeira, gestão de recursos materiais (salas e materiais pedagógicos) e gestão técnico-pedagógica (conteúdos, métodos, materiais pedagógicos, entre outros).

Embora a monitorização seja da responsabilidade dos coordenadores do projecto, as funções acima referidas serão delegadas aos professores e às escolas (como indicado no esquema), para que todos intervenham e participem na identificação de problemas e na determinação de soluções, sendo contudo necessário, que haja comunicação e interacção entre todas as partes envolvidas, de modo a garantir uma orientação, acompanhamento e correcção do projecto eficaz e atempadamente.





8. Calendarização

| Espaço Temporal (em semanas) | Actividade | Finalidade | Competências | Estratégias |
|------------------------------|---|--|--------------|-------------|
| 1ª Semana | → Apresentação do Projecto “É <i>Básico</i> investir no Futuro” | → Contextualizar os alunos sobre: → O que é o Projecto? → Quais as finalidades? → Metodologia do Projecto | | |



| Espaço Temporal (em semanas) | Actividade | Finalidade | Competências | Estratégias |
|--|---|--|---|--|
| 2^a e 3.^a Semana | <ul style="list-style-type: none">→ Caracterização do meio→ Levantamento das instituições locais que poderão ser parceiros do Projecto | <ul style="list-style-type: none">→ Perceber o contexto sócio-económico em que vivem→ Assimilar as características culturais relevantes para o projecto | <ul style="list-style-type: none">→ Capacidade de Síntese→ Objectividade→ Análise de conteúdos fundamentais→ Autonomia→ Pensamento relacional→ | <ul style="list-style-type: none">→ Entrevistas semi-directivas→ Análise de Conteúdo→ Análise Documental |



| Espaço Temporal (em semanas) | Actividade | Finalidade | Competências | Estratégias |
|---|-------------------------------------|--|--|-----------------------|
| 4 ^a / 5. ^a e 6. ^a Semana | → Coordenadores e o Projecto | → Perceber, junto dos alunos, quais as suas ambições → Definir o Objectivo da Turma → Definir estratégias da turma | → Cooperatividade → Capacidade de ouvir → Respeito pela opinião do outro → Espírito de equipa → Partilha de opinião → Capacidade de Trabalhar em equipa → Responsabilidade | → Assembleia de turma |



| Espaço Temporal (em semanas) | Actividade | Finalidade | Competências | Estratégias |
|------------------------------|-------------------------------------|---|---|-----------------------|
| 7ª Semana e restantes | → Coordenadores e o Projecto | As restantes semanas do projecto serão para este se desenvolver tendo em conta a metodologia que foi anteriormente referida e a sua duração fica ao critério das escolas, professores e alunos. | Serão desenvolvidas as competências prescritas anteriormente. | → Assembleia de turma |



Bibliografia

Barros, M. (2001). Do empreendedorismo – Por uma cultura da iniciativa. Almeida, L.; Caires, S.; Gonçalves, A. e Vasconcelos, R. (2001). *Universidade para o mundo do trabalho*. Braga: Universidade do Minho.

Bonals, J. (2000). *El trabajo en pequeños grupos en el aula*. Barcelona: Grão.

Boterf, G. (2005). *Construir as competências individuais e colectivas. Resposta a 80 questões*. Porto: Edições ASA.

Boutinet, J. (1996). Elementos para uma metodologia da conduta do projecto. *Antropologia do Projecto*. Lisboa: Instituto Piaget.

Cornaton, U. (1979). Lewin e a Dinâmica dos Grupos. *Grupos e Sociedade*. Editorial Veja.

Cortesão, L. (1988). Projecto, interface de expectativa e de intervenção. *Encontro de Educação*. Porto: ESSE/IPP.

Dewey, J. (1968). O sentido do projecto. *Expérience et éducation*. Paris.

Godinho, A. (s/ data). *Um Manifesto ao empreendedorismo*. (encontrado em Fevereiro de 2007: <http://www.4best.pt/ptfranchising/artigos.asp?op=Ver&id=30>).

Júnior, J. e Silva, M. (2004). O empreendedorismo pode ser ensinado? *Newsletter Gesventure* n.º 3. (encontrado em Fevereiro de 2007: http://www.gesventure.pt/newsletter/pdf/empreend_ensinado.pdf).

Klein, S. P. (s/d). Choosing needs for needs assessment in *Procedures for needs Assessment Education: A Symposinm*. Los Angeles: Center for Study of Evaluation Report.



Machado, F. e outros (1991). Concepções de currículo e planeamento educativo. *Currículo e Desenvolvimento Curricular: Problemas e Perspectivas*. Rio Tinto: ASA.

Minicucci, A. (1991). Dinâmica de grupo em Educação. *Dinâmica de grupo, Teorias e Sistemas*. 3ª Edição. São Paulo: Editora Atlas SA.

Pacheco, J. A. (1996). Currículo e Conceituação. *Currículo: Teoria e Praxis*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: ASA Editores.

Puga, R. (2001). Escola nova e escola tradicional - Reflexões por entre rupturas e continuidades. *A Página da Educação*. (encontrado em Fevereiro de 2007: <http://www.apagina.pt/arquivo/Artigo.asp?ID=1341>).

Rey, B. (2002). *As competências transversais em gestão*. São Paulo: Artmed.

Roldão, M. (1999). Conceitos, preconceitos e ambiguidades a difícil gestão das palavras. *Gestão curricular: fundamentos e práticas*. Lisboa: ME.

Serpa, C. e Serpa, M. (1997). Revisão do livro de Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia - Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra. *The Journal of Pedagogy, Pluralism & Practice*. Cambridge: Lesley College.

Sprinthall, N. e Sprinthall, R. (1993). Motivação na sala de aula. *Psicologia Educacional. Uma abordagem desenvolvimentista*. Amadora: Mc Gram Hill.

Trigo, V. (s/ data). *Doze Meses de Empreendedorismo*. Empreendedorismo: Desaprender para aprender. (encontrado em Fevereiro de 2007: <http://www.janelanaweb.com/digitais/vtrigo6.html>).



Tyler, R. (1973). *Principios Básicos del Curriculum*. Buenos Aires: Troquel

A abordagem por projectos. *Ensinar e aprender por projectos*. Cadernos CRIAP⁷.

Legislação e documentação consultada:

Comissão das Comunidades Europeias (2003). *Livro Verde. Espírito empresarial na Europa*. Publicações da DG Empresas.

Direcção Geral da Empresa da Comissão Europeia. *Relatório Final do Grupo de peritos – Projecto sobre a Educação e Formação para o Desenvolvimento do Espírito Empresarial no âmbito do “Procedimento Best”* (2002).

Direcção Geral da Empresa da Comissão Europeia. *Relatório Final do Grupo de peritos – Educação e Formação para o Desenvolvimento do Espírito Empresarial. Fomentar a promoção das atitudes e competências empresariais no ensino básico e secundário*. (2004).

Ministério da Educação e Direcção Geral de Inovação e do Desenvolvimento Curricular (s/ data). *Competências-chave para o empreendedorismo*. (encontrado em Fevereiro de 2007: <http://www.dgicd.min-edu.pt/orientacao/ficheiros/EMPREENDEDORISMO.pdf>).

Ministério da Educação (1998). *Organização Curricular e Programas do Ensino Básico - 1º Ciclo*. (encontrado em Fevereiro de 2007: http://www.dgicd.min-edu.pt/fichdown/programas/Prog%20_1CicloEB.pdf).

Ministério da Educação (1986). *Lei de Bases do Sistema Educativo*. (encontrado em Fevereiro de 2007: <http://www.minedu.cv/pdf/legislacao/LeiBasesSistemaEducativo.pdf>).

Ministério da Educação (s/ data). Departamento de Educação Básica. *Currículo Nacional do Ensino Básico*. (encontrado em Fevereiro de 2007: http://www.dgicd.min-edu.pt/public/compessenc_pdfs/pt/LivroCompetenciasEssenciais.pdf).



Anexo

Exemplo da aplicação do Projecto

A Câmara Municipal XXX, decidiu implementar este projecto a título experimental numa das suas Escolas. Esta escola estava implantada, num Concelho, muito desertificado, com poucas oportunidades para os jovens. Este concelho é caracterizado por ter uma população envelhecida, de onde os jovens fogem para procurarem melhores oportunidades, normalmente nas grandes cidades urbanas.

Nas proximidades da Escola existia a única grande indústria do concelho, uma fábrica de azulejos. Esta empresa é responsável por um grande número de empregos daquela zona.

Quando apresentámos o projecto aos docentes daquela escola desde logo, notámos que havia interesse em implementar o projecto. O mais entusiasmado, foi o professor de educação visual, que desde logo se mostrou disponível e indicou a turma C, do 7º ano, como o grupo que iria participar neste projecto. O tempo lectivo dedicado ao projecto, foram as aulas de área projecto e algumas de educação visual.

Nos primeiros encontros com a turma foi-lhes explicado aquilo que se pretendia. Em algumas conversas informais, percebemos que o grupo era bastante homogéneo, e que estava verdadeiramente animado com o projecto.

Passadas algumas sessões a turma chegou à conclusão que queria trabalhar, para tentar ir nas férias de verão alguns dias para a praia. Esta escola era no Interior do País, e embora todos os alunos já tenham visto o mar muitos deles afirmaram que nunca tiveram de férias na praia. Este objectivo pareceu-nos a nós (grupo de monitorização) e ao professor como algo exequível. Assim, ficou fixada a ida à praia como uma meta de toda a turma. Mas para isso eles teriam de se empenhar, pois o grau do seu empenho poderia fazer a diferença entre conseguir ou não atingir esse objectivo.

Numa segunda fase, os alunos começaram a pensar em actividades que pudessem desenvolver, que de algum modo fossem inovadoras e criativas. Um outro problema era a falta de dinheiro para investir, em materiais. Os alunos concluíram que serem eles directamente a financiarem o projecto, não era a melhor solução.



O professor, nesta fase marcou uma visita à fábrica dos azulejos, com o objectivo de mostrar aos alunos o modo de funcionamento de uma empresa. Nesta empresa trabalhavam pais de alguns alunos daquela turma, assim não foi muito difícil realizar a visita.

Durante aquela visita, foi apresentado o projecto aos responsáveis da fábrica e estes mostraram-se muito interessados em ajudar a turma naquilo que lhes fosse possível. Durante a conversa o director da empresa lembrou-se que tinha no armazém algumas peças de azulejaria que tinham pequenos defeitos e que por isso não seriam comercializados, e prontificou-se a oferece-los à turma se esta achasse que lhes podiam servir de ajuda para qualquer actividade.

Na Escola, o grupo reuniu-se e analisou as hipóteses de trabalho que aqueles materiais oferecidos lhes poderiam trazer.

Os materiais que aquela unidade empresarial comercializa destinam-se essencialmente para revestir cozinhas e casas de banho. E isso não era algo que os alunos conseguissem executar. A meio da discussão surge uma nova ideia. “E se nós pintássemos os azulejos à mão, e os vendêssemos, no Natal, aqui na Escola”. Esta ideia ganhou apoio no interior da turma, e o professor mostrou-se também agradado com a escolha da turma, e como leccionava Educação Visual prontificou-se a ajudar os alunos durante as suas aulas.

No entanto, faltavam os materiais de pintura: tintas, pincéis. Nesta zona concluiu-se que era difícil encontrar alguém que pudesse oferecer esses materiais ao grupo. Assim decidiu-se que cada aluno traria 1 euro de casa e que esse dinheiro seria investido directamente na compra desses materiais. Assim foi, e depressa se começaram a executar os trabalhos.

Esta primeira tarefa rendeu à turma 120 euros, pois foram pintados 60 azulejos e todos foram vendidos a 2 euros cada um. A adesão das pessoas foi grande e não houve dificuldade em escoar o material para venda. Os alunos tinham conseguido fazer algo de diferente, pois os seus azulejos eram pintados à mão.

A esta tarefa seguiram-se outras, os 120 euros que foram ganhos pelo grupo foram sucessivamente reinvestidos, sendo que no final do ano lectivo, a turma conseguiu 1100 Euros.

“Será que com este dinheiro podemos, ir para a praia?” Era uma grande dúvida que todos os alunos tinham. Alguns pais dos alunos, queriam ajudar a custear a ida à



praia, pois diziam que era necessário dar continuidade ao trabalho dos alunos, e que eles embora não tivessem muito dinheiro, se tinham esforçado, e por isso mereciam fazer o passeio.

Num encontro entre o grupo de monitorização e o professor chegou-se à conclusão, que com aquela quantia era possível fazer a visita, no entanto era preciso encontrar algumas entidades, que pudessem ajudar, para concretizar esse objectivo. Mas decidiu-se também rejeitar os apoios dos pais, pois é um princípio fundamental do projecto que devem ser os alunos de forma autónoma a conseguirem financiar as suas actividades.

Faltava um mês, para que a viagem de final de ano, mas ainda não era certo que esta existisse, pois as verbas não eram muitas, era necessário recolher alguns apoios.

Na aula do Português a Docente ajudou os alunos a escreverem algumas cartas a solicitar apoio para que fosse possível realizar a viagem.

A Câmara Municipal em resposta ao apelo daqueles alunos prontificou-se a levar os alunos numa das suas viaturas, sem qualquer custo. O transporte estava garantido, era já uma grande ajuda. Este apoio do Município deixou todos os jovens muito animados.

A Junta de Freguesia ofereceu aos alunos 100 Euros.

Num encontro do grupo, chegou-se à conclusão que o dinheiro era suficiente e que estavam reunidas todas as condições para que a viagem fosse uma realidade. O último passo a dar era agendar definitivamente a Viagem e marcar a Pousada onde iriam ficar alojados, e as respectivas visitas que queriam fazer. Este processo foi também direccionado pelos alunos, e no final de conseguiram ter uma semana de férias e todos concluíram que valeu a pena o trabalho efectuado.